

## ESTUDO DA RESILIÊNCIA EM IDOSOS RESIDENTES EM CAMPINA GRANDE-PB

Edivan Gonçalves da Silva Júnior (1); Kalina de Lima Santos (1); Lízie Emanuelle Eulálio Brasileiro (2); Rafaella Queiroga Souto (3); Maria do Carmo Eulálio (4)

Universidade Estadual da Paraíba; Email: [edivangoncalves.junior@gmail.com](mailto:edivangoncalves.junior@gmail.com) (1) Universidade Estadual da Paraíba; Email: [kalinalima17@hotmail.com](mailto:kalinalima17@hotmail.com) (1); Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Email: [lizie.eeb@gmail.com](mailto:lizie.eeb@gmail.com) (2) Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Email: [rafaellaqueiroga7@gmail.com](mailto:rafaellaqueiroga7@gmail.com) (3) Universidade Estadual da Paraíba; Email: [carmitaeulalio.uepb@gmail.com](mailto:carmitaeulalio.uepb@gmail.com) (4)

### RESUMO

Este estudo objetivou avaliar os índices de resiliência em idosos. Trata-se de uma pesquisa transversal, de cunho quantitativo. Participaram da pesquisa 113 idosos, residentes no município de Campina Grande-PB. A amostra final foi composta por 80 participantes que obtiveram pontuação acima dos pontos de corte estabelecidos para avaliação do Mini-Exame do Estado Mental (MEEM). Foram aplicados os seguintes instrumentos: Questionário Demográfico; MEEM e Escala de Resiliência. Os dados obtidos foram tabulados no SPSS e realizadas correlações de *pearson* e análise de frequência. Em relação ao perfil demográfico da amostra, a idade variou de 70 a 97 anos (M= 77,50; DP= 5,46), com uma prevalência de mulheres (n=59; 73,8%). A renda mensal pessoal mais recorrente foi de até um salário mínimo (n=48; 60,8%). As análises realizadas com a escala de resiliência resultaram num escore geral de 135,44 (DP=20,52), sugerindo a prevalência de um alto escore de resiliência para a população pesquisada. Quando comparados os dados da Escala de Resiliência com os dados demográficos, foi possível averiguar que apenas o fator “*Independência e determinação*” se correlacionou positivamente com a renda pessoal dos idosos ( $r=0,43$ ;  $p=0,01$ ). A apresentação de níveis elevados de resiliência dos idosos demonstra a importância de considerar a perspectiva positiva de adaptação que mantêm os recursos de superação e auxiliam no julgamento positivo das condições atuais de vida do indivíduo que envelhece.

**Palavras-chave:** resiliência, envelhecimento bem-sucedido, saúde.

### ABSTRAC

This study aimed to evaluate the index resilience among the elderly. The research is a cross-sectional, in quantitative approach. Participated of this research, 113 elderly who are residents in the city Campina Grande-PB. The sample consisted of 80 participants who obtained scores above the cutoff points established for evaluating the Mini-Mental State Examination (MMSE). The following instruments were applied: Demographic Data; MMSE and Resilience Scale. Data were tabulated in SPSS and was performed the pearson correlation and frequency analysis. Regarding the demographic profile of the sample, were aged between 70-97 years (M = 77.50, SD = 5.46), with a prevalence of women (n = 59; 73.8%). The most frequent personal monthly income was up to one minimum wage (n = 48;

60.8%). The analyzes carried out with the resilience of scale resulted in an overall score of 135.44 (SD = 20.52), suggesting the prevalence of a high score of resilience for the studied population. When comparing the data of the Resilience Scale with demographic data, it was possible to verify that only the factor "Independence and determination" was positively correlated with the personal income of the elderly ( $r = 0.43$ ;  $p = 0.01$ ). The presentation of high levels of resilience in the elderly demonstrates the importance of considering the positive outlook adaptation that keeps overcoming resources and assist in the positive judgment of the current conditions of the individual life of aging people.

**Keywords:** resilience, successful aging, health

## INTRODUÇÃO

O crescimento expressivo da população idosa constitui um fato imprescindível de ser analisado. Para isto se faz necessário o estudo sob diferentes perspectivas que atendam às diversidades do processo de envelhecimento, considerando-o em seus aspectos multidimensional, multideterminado e universal.

Alcançar maior longevidade reflete alguns avanços como nas condições sociais, no acesso aos serviços de saúde e na melhoria da qualidade de vida da população<sup>1</sup>. Tais conquistas têm contribuído para o avanço no campo das ciências do envelhecimento, na criação de novos paradigmas que tratam da promoção da saúde física e mental dos idosos<sup>2</sup>.

É sabido que a velhice está fadada à ocorrência de alguns eventos e mudanças de ordem biopsicossocial, entre eles, destacam-se: morte de entes queridos, acidentes, doenças, incapacidades, pobreza, abandono, conflitos familiares, entre outros conflitos que expõem o idoso a situações críticas<sup>3</sup>. Além disso, autores como Fortes-Burgos, Neri e Cupertino<sup>4</sup> atestam que a adaptação a estas situações torna-se cada vez mais difícil com o avançar da idade, uma vez que a capacidade de resiliência e adequação diminuem, comprometendo o estado de saúde do indivíduo idoso.

Ao passo que tais condições surgem como eventos muitas vezes inevitáveis ao sujeito que envelhece, faz-se necessário o estudo de variáveis que contribuem para um envelhecimento adaptado, mesmo diante de conflitos e alterações inexoráveis. Atualmente este processo tem sido mais conhecido na literatura como envelhecimento bem-sucedido. Entre as possíveis variáveis a serem estudadas,

segundo esta perspectiva positiva de envelhecimento, observa-se no presente trabalho o estudo da resiliência.

A resiliência pode ser compreendida como a capacidade humana de enfrentar as adversidades da vida, de modo que o indivíduo possa ser transformado por fatores potencialmente estressores, adaptando-se ou superando tais experiências traumáticas e/ou estressantes<sup>5</sup>. A mesma variável traduz-se conceitualmente como a possibilidade de superação num sentido dialético, representando não uma eliminação, mas uma ressignificação do problema enfrentado<sup>6</sup>.

Segundo Vieira<sup>7</sup>, a ideia de que o envelhecimento corresponde ao enfraquecimento de todos os aspectos da vida vem sendo questionada e descartada diante do aumento de evidências contrárias, considerando a capacidade de resiliência como um recurso próprio de todo ser humano, com sua inerente variabilidade.

De acordo com Ferreira, Santos e Maia<sup>8</sup> a resiliência é discutida não apenas como um atributo inato ou adquirido, mas diz respeito a um processo interativo e multifatorial, que envolve aspectos individuais, o contexto ambiental, a quantidade e qualidade dos eventos vitais, e a presença dos fatores de proteção.

Mediante o conteúdo explorado acerca de uma perspectiva positiva de envelhecimento, este estudo tem como objetivo avaliar os índices de resiliência em idosos residentes em Campina Grande-PB.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo é caracterizado por ser transversal, com abordagem quantitativa. Para a sua realização foram respeitados os procedimentos éticos legais para o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos, conforme estabelecido na Resolução 466 de dezembro de 2012, pelo Conselho Nacional de Saúde<sup>9</sup>.

A pesquisa foi realizada em alguns setores censitários do município de Campina Grande-PB, os quais estiveram incluídos no Estudo FIBRA (Fragilidade de



Idosos Brasileiros) no ano de 2009. Foram incluídos idosos, de ambos os sexos, escolhidos por conveniência, selecionados a partir do banco de dados do Estudo FIBRA, com base em suas pontuações no Mini Exame do Estado Mental (MEEM). Dos 249 idosos registrados sem déficit cognitivo, foram recrutados 113 idosos, dos quais 80 (70,8%) compõem a nossa amostra. Estes últimos foram os que se submeteram ao MEEM e pontuaram novamente acima dos pontos de corte estabelecidos na avaliação deste instrumento de rastreio cognitivo.

Os idosos foram visitados em seus domicílios, onde, após o idoso ou seu responsável legal ter assinado ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguia-se com a aplicação dos instrumentos de coleta de dados.

Com a finalidade de caracterizar a amostra estudada foi utilizado um questionário demográfico (sexo, idade, renda, estado civil, aposentadoria, escolaridade) de respostas estruturadas.

O MEEM foi utilizado como meio de rastreio cognitivo dos idosos. Este constitui um instrumento composto por 30 itens que avalia sete categorias de funções cognitivas. Sua pontuação total pode variar de 0, que indica certo grau de comprometimento cognitivo, a 30 pontos que corresponde a melhor capacidade cognitiva<sup>10</sup>. Conforme apontado na literatura, foi feita a avaliação dos resultados do MEEM conforme a escolaridade dos participantes<sup>11</sup>.

Os níveis de resiliência foram obtidos a partir da aplicação da Escala de Resiliência desenvolvida por Wagnild e Young<sup>12</sup>. Este instrumento é normalmente utilizado para medir os níveis de resiliência individual, considerada como a adaptação psicossocial positiva em face de eventos da vida. Composta por 25 questões, seus itens são medidos por uma escala *Likert* de 7 pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Sua pontuação varia de 25 a 175 pontos, de modo que escores mais altos apontam para uma maior resiliência. Neste estudo foi utilizada a validação desenvolvida por Pesce et al.<sup>5</sup>.

A análise dos dados foi realizada a partir da criação de um banco de dados no programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 18, e posteriormente foram realizadas análises de *Pearson* e de frequência dos dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dada à importância de conhecer o perfil demográfico da amostra estudada, verificou-se que a idade dos participantes variou de 70 a 97 anos ( $M= 77,50$ ;  $DP= 5,46$ ), ocorrendo uma prevalência do sexo feminino (73,5%). Quanto à escolaridade, 40% alegaram ter cursado até o ensino fundamental (2º ao 5º ano). Houve predominância dos que afirmaram ser casados ou viverem com companheiro (47,5%), e 73,8% relataram que moram com os filhos. A renda mensal pessoal mais recorrente foi a de até um salário mínimo (56,3%). No tocante à aposentadoria, 75% da amostra declarou ser aposentada.

As análises realizadas com a escala de resiliência resultaram num escore geral cuja média apresentada foi de 135,44 ( $DP=20,52$ ). Observa-se, com isso, a prevalência de um alto escore de resiliência para a população pesquisada. Deste modo, pode-se afirmar que o grupo de idosos pesquisados situa-se entre um nível alto de adaptação psicossocial, que sugere uma elevada capacidade de resiliência.

Os resultados vão de encontro com a pesquisa desenvolvida por Ferreira, Santos e Maia<sup>8</sup>, realizada com 65 idosos usuários dos serviços oferecidos pela Rede Básica de Atenção à Saúde em uma localidade de Natal, RN. A pesquisa tinha como objetivo avaliar a resiliência na velhice e seus resultados demonstraram haver um alto escore de resiliência no grupo estudado, o que leva as autoras a acreditarem que os idosos pesquisados estão enfrentando a velhice de forma resiliente, de modo a experimentarem sua velhice de maneira mais saudável. Dessa maneira, através do recurso da resiliência é possível pensar num processo de enfrentamento positivo diante das adversidades vivenciadas na velhice, de modo a obter um envelhecimento exitoso.

Em outro estudo, desenvolvido com 97 idosos da cidade de Cartaxo-Portugal, objetivou-se explorar a influência da resiliência na qualidade de vida em idosos. Para a sua realização, partiu-se da compreensão de que a qualidade de vida nos indivíduos depende não somente de sua saúde, dos recursos materiais, das crenças, do meio ambiente ou da realização pessoal (domínios que compreendem a avaliação da qualidade de vida), como também do seu otimismo e da sua

capacidade de superação diante dos obstáculos da vida, o que resulta em medidas de resiliência<sup>13</sup>.

A partir dos resultados encontrados na pesquisa supracitada, concluiu-se que a presença de escores maiores de resiliência (em termos de Resoluções de ações e valores, Independência e determinação, Autoconfiança e capacidade de adaptação) correspondeu a uma maior qualidade de vida (Faceta Geral da Qualidade de Vida, Domínio Físico, Domínio Psicológico, Domínio Relações Sociais e Domínio Ambiente) nos participantes, resultante de correlações positivas entre as variáveis em questão. Além disso, os resultados demonstraram que quanto mais altos os resultados de resiliência, maior a qualidade de vida dos idosos pesquisados<sup>13</sup>.

A análise das facetas que constituem a escala de resiliência revelou que o fator “*Resolução de ações e valores*” obteve maior média 5,57 (DP=0,72), seguido de “*Autoconfiança e capacidade de adaptação a situações*” (M=5,37; DP=0,79) e “*Independência e determinação*” (M=5,11; DP=1,80) (Ver tabela 1). Segundo Pesce et al.<sup>5</sup>, o domínio “*Resolução de ações e valores*” é caracterizado pela realização de ações relacionadas à energia, persistência, disciplina, concepção de valores e execução de ações que auxiliam o indivíduo a dar sentido à vida.

**Tabela 1.** Distribuição dos Fatores da Escala de Resiliência

<b>Facetas</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Resolução de ações e valores</b>	5,57	0,72
<b>Autoconfiança e capacidade de adaptação a situações</b>	5,37	0,79
<b>Independência e determinação</b>	5,11	1,80

\**Fonte:* Dados da Pesquisa, 2014.

Quando comparados os dados da escala de resiliência com os dados demográficos, foi possível averiguar que o fator “*Independência e determinação*”, que se refere, segundo Pesce et al.<sup>5</sup>, à capacidade de o indivíduo resolver situações



difíceis sozinho, correlacionou-se positivamente com a renda pessoal dos idosos ( $r=0,43$ ;  $p=0,01$ ).

Este resultado pode estar relacionado ao fato de que os idosos experimentam a vulnerabilidade imposta por sua condição social. Neste caso, fatores como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, os gastos com a saúde e declínios na sua renda familiar, questões centrais no quadro atual dos idosos brasileiros, potencializam a sua marginalização, reiterando a sua condição de dependentes<sup>14</sup>.

O resultado chama atenção, uma vez que, no caso do Brasil, observa-se que a pobreza atinge grande parte da população idosa, dando lugar a vários efeitos nesta população, de modo que os impactos desta condição são distintos, divididos entre as várias coortes, respeitando-se o seu nível de renda, educação e saúde<sup>15</sup>. Em decorrência a este resultado, deve-se procurar investigar mais profundamente os efeitos das condições socioeconômicas frente à manutenção da resiliência em idosos.

Cabe salientar ainda que, em se tratando das definições de dependência na velhice, torna-se necessário adotar outros indicadores, tais como a dependência funcional e econômica<sup>15</sup>. A utilização conjunta destas medidas poderá contribuir significativamente para a avaliação de aspectos importantes relacionados à preservação da capacidade de resiliência no envelhecimento, centrando-se na investigação dos chamados fatores de proteção que atuam para uma velhice bem sucedida<sup>3</sup>.

Quanto aos demais dados demográficos avaliados no estudo (sexo, idade, estado civil, aposentadoria, escolaridade), não foi encontrada nenhuma associação ou correlação significativa com os fatores da escala de resiliência. A falta de resultados significativos no que diz respeito às associações entre dados demográficos e resiliência em idosos também foi observada no estudo desenvolvido por Fortes, Portuguez e Argimon<sup>16</sup>. As autoras não encontraram relação entre a resiliência e as variáveis sociodemográficas pesquisadas (gênero, idade, escolaridade e renda), numa amostra constituída por 86 idosos residentes da região

metropolitana de Porto Alegre. Porém, também foi obtida uma média alta de resiliência no grupo estudado.

O estudo de condições atreladas à manutenção da resiliência em idosos se faz necessário uma vez que a compreensão mais processual deste recurso deve levar em conta a ampliação de seus fatores de proteção, através da ação de projetos sociais, educacionais e de saúde mental. Com isso, ressalta-se que o estudo da resiliência deve visar não somente a capacidade de defesa que o indivíduo possui frente a episódios inesperados, como algo estático e independente do contexto de vida do sujeito<sup>17</sup>. A resiliência, segundo esta perspectiva, é um recurso em que interagem determinantes do meio e condicionantes individuais<sup>3</sup>, daí reside a importância de pesquisar as variantes sociodemográficas e de saúde da população.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apoiada na concepção da ação de fatores de proteção, da capacidade de superação do sujeito frente às adversidades da vida e da importância de sua percepção sobre as suas condições de vida; a presente pesquisa obteve resultados que demonstram uma experimentação satisfatória destes domínios nos idosos participantes da pesquisa.

A apresentação de níveis elevados de resiliência nos idosos pesquisados demonstra a importância de considerar, para o envelhecimento, a ideia de que são mantidos recursos de superação e adaptação que auxiliam no julgamento positivo das condições atuais de vida do indivíduo.

Limitações como a necessidade de associação entre outras variáveis que funcionem como fatores de proteção para o idoso, assim como a avaliação dos seus estados de saúde, podem ser referidas ao presente estudo. No entanto, cabem realizar outras investigações que contemplem novas condições, capazes de auxiliar no aprofundamento da compreensão sobre o envelhecimento bem-sucedido.



## REFERÊNCIAS

1. Veras R. Envelhecimento Populacional Contemporâneo: demandas, desafios e inovações. Rev. saúde pública. 2009; 43(3):548-554. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009005000025>.
2. Diogo MJD, Neri AL, Cachioni M, organizadores. Saúde e qualidade de vida na velhice. São Paulo: Editora Alínea; 2009.
3. Fontes AP, Neri AL. Resiliência e velhice: revisão de literatura. Ciênc. saúde coletiva. 2015; 20(5):1475-1495. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015205.00502014>.
4. Fortes-Burgos ACG, Neri AL, Cupertino APFB. Eventos de vida estressantes entre idosos brasileiros residentes na comunidade. Estud. psicol. (Natal). 2009; 14(1):69-75. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2009000100009>
5. Pesce RP, Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Carvalhaes R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. Cad. saúde pública. 2005; 21(2):436-448. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000200010>
6. Noronha MGRCS, Cardoso PS, Moraes TNP, Centa ML. Resiliência: nova perspectiva na Promoção da Saúde da Família? Ciênc. saúde coletiva. 2009; 14(2):497-506. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200018>.
7. Vieira SP. Resiliência como força interna. Revista Kairós. [Online] 2010 [acesso em 2015 jul 05]; 13:21-30. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/3919/2559>
8. Ferreira CL, Santos LM, Maia EMC. Resiliência em idosos atendidos na Rede de Atenção Básica de Saúde em município do nordeste brasileiro. Rev. Esc. de Enferm USP. 2012; 46(2):328-334. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000200009>
9. Conselho nacional de Saúde (Brasil). Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. DOU de 13/06/2013 (nº 112, Seção 1, pág. 59).

10. Folstein MF, Folstein SE, Mchugh PR. Mini-mental state. A practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. *J. Psychiat.* 1975; 12(1):189-198. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/0022-3956\(75\)90026-6](http://dx.doi.org/10.1016/0022-3956(75)90026-6)
11. Brucki SMD, Nitrini R, Caramelli P, Bertolucci PHF, Okamoto IH. Sugestões para o Uso do Mini-Exame do Estado Mental no Brasil. *Arq. Neuro-Psiquiatr.* 2003; 61(3B):777-781. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2003000500014>
12. Wagnild GM, Young HM. Development and psychometric evaluation of resilience scale. *J. nurs. meas.* [Online] 1993 [acesso 2015 jul 05]; 1(2):165-78. Disponível em: [http://www.sapibg.org/attachments/article/1054/wagnild\\_1993\\_resilience\\_scal\\_e\\_2.pdf](http://www.sapibg.org/attachments/article/1054/wagnild_1993_resilience_scal_e_2.pdf)
13. Valada MJS. A arte da vida: caminhar pelo envelhecimento com resiliência e qualidade de vida. [Dissertação]. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; 2011.
14. Lopes A. Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice. In: Von Simon ORM, Neri AL, organizadoras. *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. São Paulo: Editora Alínea; 2006. p. 129-140.
15. Engler T. Como a economia pode favorecer a construção de uma velhice bem-sucedida. In: Neri AL, organizadora. *Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar*. São Paulo: Editora Alínea; 2011. p. 83-125.
16. Fortes TFR, Portuguez MW, Argimon ILL. A resiliência em idosos e sua relação com variáveis sociodemográficas e funções cognitivas. *Estud Psicol (Campinas)*. 2009; 26(4):455-63. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000400006>.
17. Lasmar MMO, Ronzani TM. Qualidade de vida e resiliência: uma interface com a promoção de saúde. *Rev. AP.* [Online] 2009 [acesso em 2015 jul 05]; 12(3):339-350. Disponível em: <http://aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/191>